

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
TECNOLOGIA EM FOTOGRAFIA

MACRO DETALHES: diálogos entre a fotografia e a circularidade líquida que preenche o humano do ser.

Orientanda: Anna Gabriella Agazzi Migotto

Orientadora: Profa. Ma. Fabiola Bastos Notari

RESUMO

Esta pesquisa de iniciação científica apresenta de forma crítico-reflexiva algumas das possíveis relações entre imagens fotográficas e o cosmos. A série fotográfica foi desenvolvida a partir das relações encontradas entre a água, elemento amórfico, abundante e maleável e o ser humano, que, conectado à natureza encontra-se dentro do fluxo contínuo e circular da água e seus micro e macro cosmos. A água está presente em todas as fotografias. Inicialmente, pode-se observá-la a partir do ponto de vista micro das gotas: pequenas partes que a compõem. Em segunda instância, a água apresenta-se, também explicitamente, nas paisagens do Rio Tapajós. A seguir, passa-se para um conceito representativo da água, presente em todos os seres, e atuante como um elo o qual une o homem, a natureza e os espíritos da floresta.

Palavras-chave: Fotografia, Narrativa, Água, Microcosmos, Macrocosmos.

ABSTRACT

This scientific initiation research presents critically-reflective some of the possible relations between photos and the cosmos. This photographic series was developed from the relation found between water, amorphous element, abundant and malleable, and the human being, who, connected to nature, is within the continuous and circular flow of water and its micro and macro cosmos. Water is present in all photographs. Initially, from the micro point of view of the drops: small parts that compose it. In the second instance, the water appears, also explicitly, in the landscapes of the Tapajós River. Then we move on to a representative concept of water, that exists in all beings, and acts as a link between man, nature and the spirits of the forest.

Keywords: Photography, Narrative, Water, Microcosmos, Macrocosmos.

PARTE I: Macro detalhes: uma introdução

Pode-se observar que a água concede vida e movimento a cada partícula participante da organização do mundo. A série fotográfica foi produzida a partir desta constatação, que logo direcionou meu olhar e pesquisa ao estudo da circularidade da água. Analisada morficamente, de acordo com a variante do tamanho, e inteligivelmente, buscando o sentido por trás de seu comportamento como elemento químico. Inicialmente, a série busca apresentar microcosmos úmidos que existem em imagens reveladoras de segredos, estes vivos nos caminhos do cotidiano. Assim, o impossível se transformará no natural, a partir da matéria-prima de todas as formas. A circularidade observada nas imagens representa a estreita conexão de todos os detalhes cósmicos que completam os vazios do mundo. Em seguida, a série caminha em zoom out¹ ao deixar o cosmo micro e ampliar o olhar, até abranger as paisagens da Floresta Nacional do Rio Tapajós e Arapiuns. Após atingir o macro, passa-se por um pequeno recorte conceitual, observando-se a presença humana na região - com ênfase nas crianças - e como é sua relação com o ambiente. A água entra forte e diretamente em cena mais uma vez, e o círculo se completa.

Durante o processo de produção das fotografias esteve presente a capacidade maleável, tanto dos ângulos de captura destes instantes, quanto de seu tempo de duração, haja vista a inconstância líquida de macro e microcosmos. Tais instantes funcionam como desabroches. Continua-se desta maneira: algo pulveriza resquícios d'água, iluminados pela alvorada, sob novos seres. Reside aí a capacidade translúcida do registro destes momentos. Lida-se com matéria-prima, sendo assim, não existe obrigação resguardada. É necessário afastar-se da lógica.

As fotografias foram executadas com o advento da luz natural e de forma instantânea. A viagem para a Floresta Nacional do Tapajós foi essencial para o desenvolvimento do trabalho, não só por conta do local e das paisagens, mas também para a construção do conceito existente por trás da seleção fotográfica. Os conhecimentos adquiridos através da inserção do fotógrafo no cotidiano de qualquer comunidade, na natureza de algum local nunca antes visitado, faz com que os olhos se abram para o novo. Pode-se aqui fazer uma comparação entre a série Achados, a qual dissertarei mais tarde, e a série produzida na Amazônia. Enquanto o artista permanece na zona de conforto, mesmo que aproveitando-a ao máximo, observando todos os seus detalhes, as possibilidades de algo incrível acontecer são mais restritas. Esta afirmação aplica-se também à maturidade de cada artista. Assim, com o

¹ Efeito de afastamento que existe por meio da variação da distância focal da câmera.

advento da maturidade, tanto técnica quanto reflexivamente, entendeu-se que tudo faz parte de algo maior. O humano é natureza, e esta conexão não pode ser quebrada. A água, além de ser um elemento de transição é o elemento de constituição, conexão.

Ao citar imagens produzidas é necessário comentar sobre a leitura destas. Deixa-se claro que as fotografias apresentadas são, sem questionamentos, obras abertas. Estas dependem do imaginário de quem as lê. O espectador que interpreta uma fotografia, entende a respeito de si mesmo, e do outro, comenta Itamar de Moraes Nobre. Assim como João Décio comenta o livro *A obra Aberta* de Umberto Eco: “Lembra o crítico que rigorosamente não existem obras fechadas, que, num maior ou menor grau todas são abertas, pois sempre oferecem novos ângulos de visão, a cada abordagem que se faça.” A concluir, entende-se que o ideal é permanecer sem explicação, sem resposta, em um labirinto imaginário extremamente fértil - criado pela análise da imagem - e repleto de clareiras que certamente contém o fim dos questionamentos, todavia, tudo permanece em puro silêncio. A presença das respostas, mesmo sem conhecê-las, projeta-me *dèjà-vus*². Resta apenas a procura visual de figuras, possuidoras de tema algum. São cosmos intermináveis que coexistem no espaço infinito. Como exposto, é necessário que haja uma interação direta e física entre o espectador e a obra, que esta faça parte de uma instalação, para que quem a analisa possa imergir de fato na água da curiosidade e conhecimento do imaginário humano.

PARTE II: Do conceito à produção, a fotografia como meio presentificado do micro e macrocosmos.

Por conta de estarmos todos inseridos na esfera da vida e conectados a partir da água, é necessário que o espectador tenha contato direto com o conceito explicitado.

O espectador constrói a imagem e a imagem constrói o espectador. Essa abordagem do espectador consiste antes de tudo em tratá-lo como parceiro ativo da imagem, emocional e cognitivamente (e também como organismo psíquico sobre o qual age a imagem por sua vez). (AUMONT, 2002, p. 81)

É necessário que sintam-se a mistura da água com a pele, ouça-se o som da natureza em harmonia com o espaço e com o homem. A falta de luz é acolhedora e necessária para que o espectador possa, de certa forma, abrir-se. Sendo assim, as fotografias serão dispostas na parede de um espaço circular, iluminadas com luz amarelada, sem moldura e todas do mesmo tamanho. No centro da sala, existe uma esfera de vidro, grande, cheia d'água. Assim, ao caminhar pela exposição os espectadores relacionam-se com o espaço de forma antiga,

² Forma de ilusão da memória que leva o indivíduo a crer já ter vivido algum acontecimento do presente.

ritualística. As fotografias são acompanhadas por uma instalação que contém dois focos iluminados da mesma maneira que as fotografias. No primeiro foco existe uma maquete do local visitado, a qual quebra as dimensões de tamanho. Com o advento da fotografia, torna-se possível trazer lugares do mundo para perto. No segundo foco existe um aquário de tamanho mediano com uma fotografia submersa, sendo possível retirá-la d'água e analisa-la molhada. No fundo, existe o som da floresta, gravado durante a viagem.

Ilustração 1 : Vista lateral da exposição.

Fonte: do autor (2018)

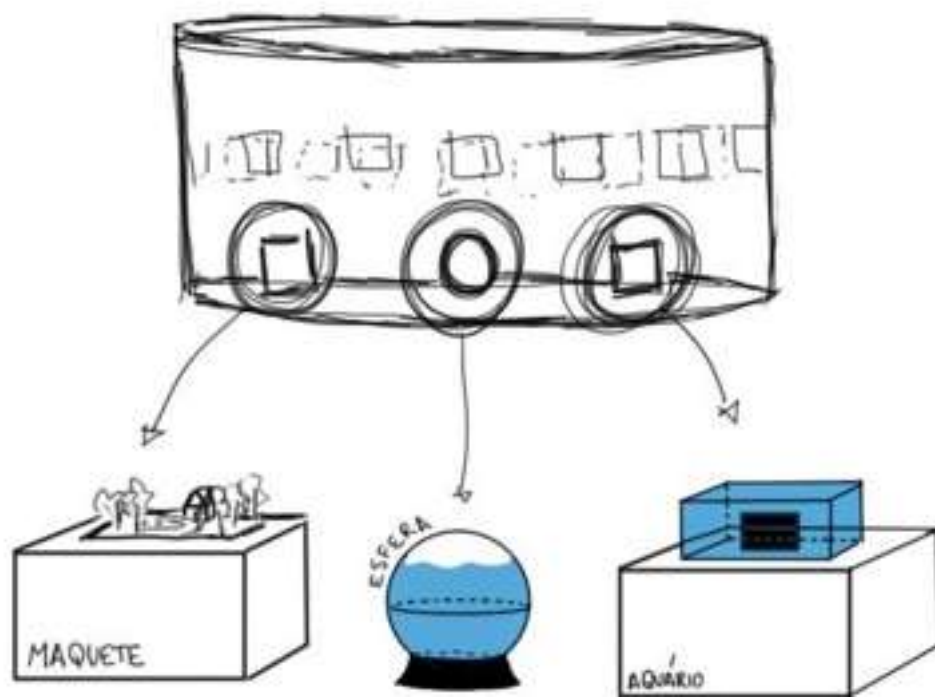
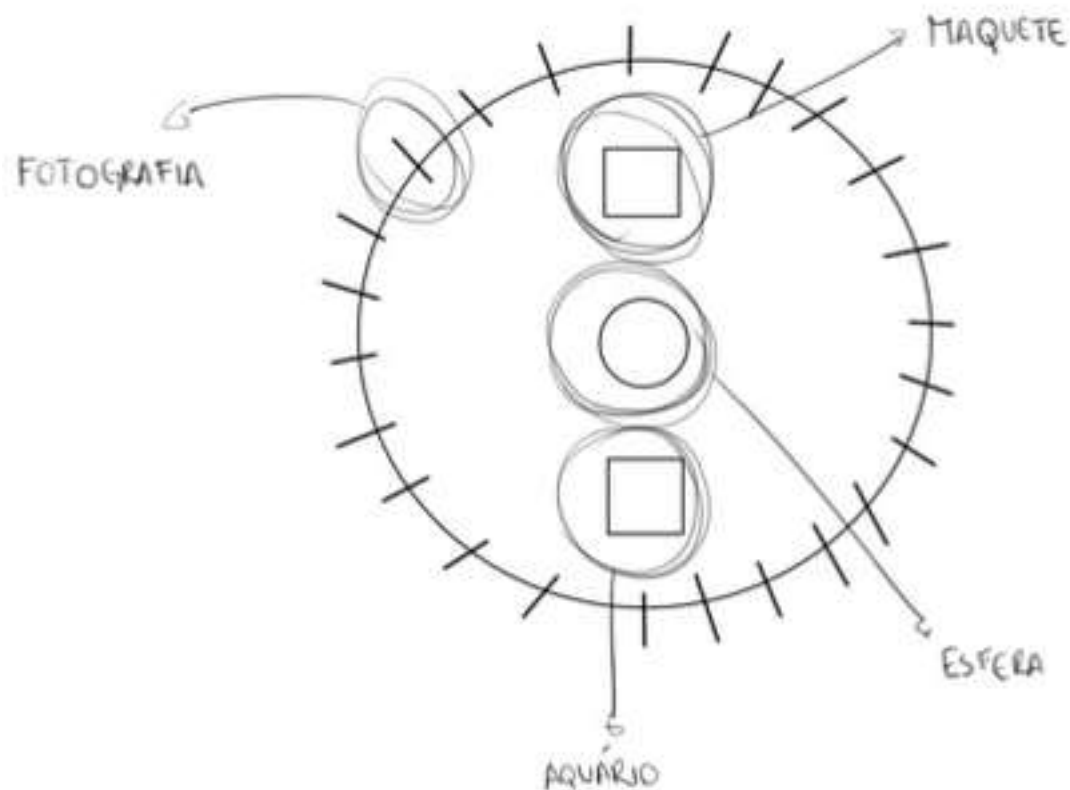


Ilustração 2 : Exposição vista de cima.



Fonte: do autor (2018)

As duas primeiras fotografias da série dialogam entre si não só conceitualmente, mas também visualmente. Os tons de verde e o foco principal nas gotas de orvalho funcionam em conjunto com a luz natural da manhã e refrescam a memória do espectador em relação as dimensões dos microcosmos naturais, sem a presença de objetos modificados pelo homem, apesar de possuírem um forte apelo geométrico. A terceira e a quarta fotografia, funcionam como um barco, são a transição, ainda no microcosmo, da gota para o rio. Nestas, está fortemente presente a característica eidética, evidenciada na forma branca que conversa com a gota na Fotografia 3, e na forma vermelha, neste caso já imersa no rio evidenciada na Fotografia 4.

Segue-se assim, para as próximas duas fotografias que são marcadas pela imersão de um elemento individual, que com o passar das fotografias, borbulha da água para o ar, em forma de planta, na Fotografia 7.

As Fotografias 7 e 8 representam o nascimento. Como se as partículas de água agora desejassem encontrar o céu, como a esperança que vive nos olhos das crianças. Porém, estas acabam encontrando a natureza humana, e deixam o rio.

A Fotografia 9 mostra a capacidade do humano de transformar a natureza, e é assim que aos poucos este vai tomando conta das fotografias. Então, ocorre outra transição, assim como da gota para o rio, do simples para o complexo. Agora, da madeira para a canoa. Da Fotografia 9 para a Fotografia 10. Nesta etapa, o micro já aproxima-se do macro e finalmente o alcança na Fotografia 11. Esta funciona como peça chave para a série, pois apresenta três elementos principais e importantíssimos. A canoa, que antes era gota, a paisagem que compõe o macrocosmo amazônico e a tímida presença da figura humana no canto superior esquerdo.

Assim como um animal curioso e desconfiado, a figura humana vai se tornando o principal foco, a partir da Fotografia 12 até a Fotografia 15.

A Fotografia 16 representa a terceira transição: a reunião da natureza com o homem. A reconciliação da mãe com o filho. Aí, reside novamente a questão do nascimento. Desta vez, de uma união harmônica entre o homem e a natureza.

Homem este, que aos poucos volta às águas, que aprofundam nosso olhar novamente ao microcosmo inicial.

Fotografia 1



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 2



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 3



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 4



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 5



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 6



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 7



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 8



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 9



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 10



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 11



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 12



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 13



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 14 - Darleide



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 15



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 11



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 17 - Lourenço



Fonte: do autor (2018)

Fotografia 18



Fonte: do autor (2018)

PARTE III: Microcosmos úmidos: reflexões

Não é necessária a utilização de aparelhos especializados, criados pela natureza curiosa do homem, para que seja possível transitar entre cosmos. Com a utilização da palavra “cosmo” me refiro aos espaços harmônicos existentes entre a imensidão e a eternidade. Todavia, precisa-se ser poeta o suficiente para evocar as riquezas dos planos que dão forma ao mundo. Assim, é possível que a série relacione o real, o inconsciente e o tempo.

As fotografias produzidas nesta parte inicial da série afastam-se do racional. A imagem, em sua essência nunca será uma representação perfeita do real, pois este não existe. A realidade depende de quem a interpreta, das vivências de quem a produziu e de quem a lê. Qualquer transmissão de informação altera a verdade, pois não é possível passar adiante uma mensagem sem a influência de um ponto de vista. A polissemia é inevitável, principalmente por conta da inadequabilidade da linguagem para exprimir o ser, ou seja, a realidade parte da imaginação individual do real (sendo assim polissêmica), a qual forma imagens/fotografias que ultrapassam a dita realidade. “A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade”. (BACHELARD, 2002, p, 17-18).

O afastamento do real está profundamente relacionado à matéria-prima que mostra-se presente em todas as imagens. Parte daí a análise destas fotografias, por meio da quebra do conceito que cria na imaginação humana, o sentido de compreensão dos elementos que compõem estas produções visuais. Sendo assim, a água apresenta-se como elemento de transição entre o racional/sensível, e o imaginário/inteligível. Depois, pode-se acrescentar que outro papel cumprido pela presença da água nestas imagens é ressaltar a inconstância do tempo. O tempo é um assunto instigante, os maiores pensadores da história têm dificuldade em caracterizá-lo. Tomando por exemplo Santo Agostinho, o tempo é apenas uma caminhada rumo à não-existência. Para Albert Einstein é uma ilusão. A nossa concepção de como passa o tempo é constante, segundos, horas, anos. Porém, os instantes capturados possuem duração que diverge entre eles.

Conclui-se que com a presença deste elemento água, de intensa maleabilidade, aquele que assume diferentes formas, a função destas primeiras imagens é expor parte do cosmo que existe entre o racional e seu inverso, somente por alguns instantes e em constante metamorfose. Refletiremos sobre metamorfoses: a metamorfose é o fenômeno que ocorre quando existe mudança de forma. Mas, quando entra em cena um elemento amórfico e representativo como a água surge um questionamento. A capacidade de transformação da água é expressiva, o amorfismo é um ponto interessante, porém, a volatilidade das mudanças

de estado físico deste elemento também é expressiva. A água transforma-se como infinitos big-bangs³ que deixam para trás resquícios, reconhecidos neste projeto como Microcosmos.

Para dissertar sobre o infinito, toma-se como exemplo o paradoxo da tartaruga: certa vez, Aquiles apostou uma corrida com uma tartaruga. Havia sido desafiado a vencer. Intrigou-se com a facilidade da tarefa, e para que não fosse tão fácil realizá-la, a tartaruga largou alguns metros a frente do herói. Porém, para Aquiles alcançá-la, obviamente teria de percorrer metade da distância existente entre eles, e depois, metade da metade que restou. Sendo assim, independentemente do tempo de duração da corrida Aquiles nunca ultrapassaria a tartaruga pelo fato de que existem infinitas metades entre os dois competidores. Aquiles perderia a corrida mesmo se a tartaruga permanecesse parada metros a sua frente.

Com isso, observa-se a anulação das dimensões de tamanho como estamos acostumados. Toda a realidade que conhecemos é dependente da percepção. Portanto, a caracterização de macro e micro para cosmos é inexistente. Estes são equiparáveis, com a possibilidade de possuírem o mesmo nível de complexidade. A maior parte das teorias que explicam a formação do universo possuem o infinito emaranhado em diversas equações físicas, sendo este, um conceito ainda abstrato.

O interminável possui papel importante nesta pesquisa também por sua circularidade. Foi formado um ciclo, que tem o fluxo da água como elemento de transição. Compara-se a água e a energia na natureza, nada se perde, tudo se transforma.

O humano

Assim como o rio, o humano se apresenta. Sua forma física não é sempre a mesma, viver é existir em um processo de crescimento, envelhecimento. Incontáveis células renovam-se a cada novo dia, assim como as partes d'água que compõem um rio. O rio possui um fluxo eterno, ao observarmos parte dele - vale ressaltar que não existem partes de um rio, a palavra foi utilizada apenas para auxiliar na compreensão da idéia evidenciada -, a cada instante esta será diferente, porém o rio continua sendo o mesmo, o mesmo que o oceano inteiro e que as gotas de chuva na pele das crianças que vivem nas comunidades ribeirinhas do Rio Tapajós. Tudo está enraizado na mesma fonte de energia. Lágrimas misturam-se com a explosão de emoção que a chuva representa, e lá se perdem para sempre, enriquecem as cores das flores e o verde das grandes árvores da Amazônia.

A umidade é o que permite. Aquele mesmo solo fértil citado anteriormente, que contém as respostas silenciosas coexiste com as pegadas de pés descalços de Pedro Pantoja,

³ A forma por meio da qual o elemento água divide-se em múltiplos fragmentos (gotas), possibilitando a existência do Microcosmo úmido.

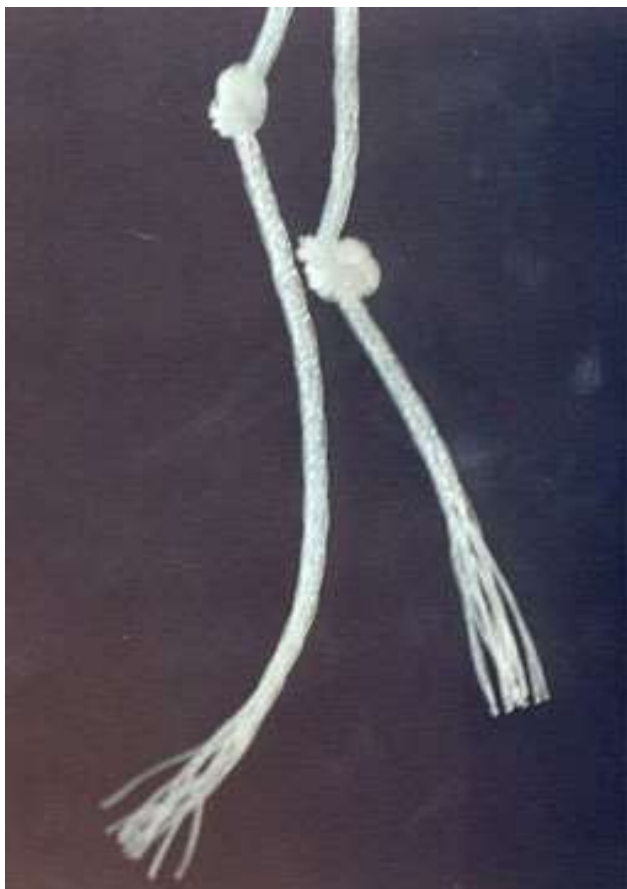
presidente da comunidade de Jamaraquá, assim como no suor de Darleide derivado do calor da luz do sol que banha seus cabelos. Mais humano que Lorenzo não existe. Possui a mais pura conexão com a natureza e com suas entidades. Usa vermelho para espantar os espíritos das floresta, porém adora contar histórias de como se perdeu no meio da mata, que no seu caso, é seu jardim gigante.

O homem, inevitavelmente produz arte, independente de seu objetivo. Seja para exposição ou objetos utilizados no dia a dia. A região do Pará visitada é conhecida pela confecção de enfeites e bolsas confeccionadas a partir do látex, das sementes, partes de animais, tinturas e palha. Possuem uma técnica muito precisa e avançada. O mais interessante de tudo isso é que o cotidiano deles é artístico. Existe grande harmonia entre eles e o meio, uma harmonia perceptível pelo inconsciente. Tudo tem sua importância e nada é mais e nada é menos. Tudo é infinito. São dotados deste conhecimento muito poderoso, passado de geração para geração. Seus antepassados não acreditavam na noção de quantidade. A exemplificar, depois do número dez, para eles existiam apenas “muitos”. Muitas coisas. Parte daí a idéia de que tudo é suficiente, de que o mundo é generoso e fértil. A partir deste ponto, pode-se explicitar o conceito por trás da presença da imagem da criança nas fotografias. A criança é aquela que possibilita, dotada da grande ingenuidade que falta nos adultos, possui olhares marcantes, fortes e brilhantes. Suga tudo que passa diante de seus sentidos e assim, aprende. O intuito da figura da criança nas imagens é representar a esperança de que as comunidades alternativas e sustentáveis são o futuro do mundo, e que a paz entre o homem e a natureza nunca pode ser perdida.

PARTE IV : Diálogos artísticos

É de grande importância comentar sobre o processo criativo que deu vida a este trabalho. Esteve sempre presente a idéia de revelar detalhes, elementos que existem e que não são notados. Assim surgiu uma série de fotografias conhecida como Achados. São algumas fotografias de pequenas coisas que apenas estão colocadas no espaço cotidiano, sem motivo algum, acompanhadas por suas sombras. Estas são o que são, mas nunca o que aparentam. São complexas e constituídas por diversas inspirações. Secas, úmidas e até perfumadas. Grande influência na produção desta série veio de Cao Guimarães, de sua obra Paquerinhas. Observei como objetos simples e comuns podem assumir as mais variadas formas e identidades. A Fotografia 19, evidencia o poder das formas presentes na imagem de transmitir sentimentos, sensações. Claramente, os nós estão apaixonados.

Fotografia 19 - Paquerinhas



Fonte: Cao Guimarães (2007)

Fotografia 20 - Achados



Fonte: do autor (2017)

Fotografia 21 - Achados



Fonte: do autor (2017)

Aos poucos, começou uma grande tempestade e os Achados inundaram suas sombras. A chuva conduziu-me a presença da umidade nos detalhes, e ao acordar numa manhã dourada de sol me deparei com o orvalho, este, que em conjunto com a luz suave me fez lembrar a obra *Solaris* de Andrei Tarkovski. No início do filme, existe uma cena subaquática que revela a vida, por meio do movimento, existente em todas as coisas.

Fotografia 22 - Frame do filme *Solaris*



Fonte: Tarkovski (1972)

Fotografia 23



Fonte: do autor (2018)

Foi o perfume da flor do meu jardim que fez com que me aproximasse, ali estavam. Infinitos microcosmos esféricos sobrevivendo com seus reflexos. É interessante como a inspiração nos alcança por meio de diferentes caminhos. O beijo de Klimt abriu o canal para o entendimento de que pequenas partes completam o todo, assim como as partes que compõem a obra que se assemelha a um mosaico. E de fato Klimt inspirou-se nos mosaicos bizantinos para realizar algumas de suas obras. Assim, o todo pode se dividir sem dificuldade alguma, e instantes depois, ser gigante novamente. Do mesmo modo que o beijo, por algum tempo une duas pessoas, as torna imensas, e depois voltam a ser o que eram.

Ilustração 3 - O beijo



Fonte: Klimt (1907)

Esta pesquisa surge das gotas reveladoras dos segredos do mundo. A poética das águas alaga minhas fotografias, com ajuda da fantástica viagem à Floresta Amazônica. A beleza residente da natureza explode invenções dentro de mim. E assim, a energia é capaz de se desenvolver e não só permanecer no micro, mas alcançar o macro, o todo, expandir-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento é infinito como todas as coisas e parte de um elemento único, o qual adquire constância a partir da multiplicidade. Assim, é possível provar que a soma de dois elementos idênticos não é igual ao dobro do tal. A adição transforma. Cria-se algo novo. Todavia, a unicidade por si só não existe, haja vista que tudo depende de onde o espectador está posicionado na terra, de qual o seu tamanho e de como é o seu contato com o meio.

Borbulha-se ao mundo sem conhecê-lo. Nenhuma forma é identificável. É como se estas estivessem cobertas por uma fina camada de água, como fetos no útero da mãe. Surge então a vontade de descobrir os segredos que permeiam a existência. Busca-se o crescimento. Criam-se técnicas, as quais permanecem naturais independente do modo pelo qual foram

confeccionadas. O total é profundamente investigado, os olhos não param. Depois que tudo é consumido, resta a esperança, que não alimenta, mas sim, nutre. A esperança nos presenteia com o brilho que ainda existe nos olhos das crianças fotografadas nas redondezas do Rio Tapajós. Assim, conecta-se com as entidades da floresta e ao atingir um ponto de iluminação, entende-se que a natureza engloba, do mesmo modo que a essência da água funciona, de alguma forma que não somos capazes de entender por completo, porém, para viver de forma digna é necessário atingir o estado de compreensão de que as coisas mais belas que existem estão em contato direto com todos nós e que tudo está completo e interligado por gotas d'água que preenchem o humano do ser.

Assim como o conceito explicitado, este trabalho é infinito, e é necessário ampliá-lo em busca de novas formas estéticas para a composição. Vale ressaltar que existem muitas imagens perdidas, que ainda podem ser exploradas, viagens para serem realizadas e conceitos a serem descobertos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, J. **A Imagem**. Trad. de E. S. Abreu e C. C. Santoro. São Paulo: Papirus Editora, 2002.

BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria**. Trad. de A. P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARTHES, R. **Câmera Clara**. Trad. de J. C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

HERRIGUEL, E. **A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen**. Trad. de J. C. Ismael. São Paulo: Pensamento, 1975.

DUBOIS, P. **O Ato Fotográfico**. Trad. de M. Appenzallor. Campinas: Papirus, 1993.

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LISPECTOR, C. **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

RILKE, R. M. **Cartas a um Jovem Poeta**. Trad. de P. Sussekind. São Paulo: L&PM Pocket, 2006.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

Cosmos. Direção: Adrian Marlone, Produção: KCET e Carl Sagan Productions: PBS, 1980.

Solaris. Direção: Andrei Tarkovski, Produção: Viacheslav Tarasov, 1972.